O lema elexido para o II Congreso de Escritores presidiu o espírito das conclusións

A necesidade de limar vellas asperezas, de denunciar a política institucional en matéria de subvencións, prémios, etc... e de protexer unha porción moi concreta da literatura desenvolvida en galego, atopáronse presentes na maior parte das intervencións que se produciron ao longo do Congreso.

CHUS GARCIA

Uxio Novoneyra, presidente da AELG

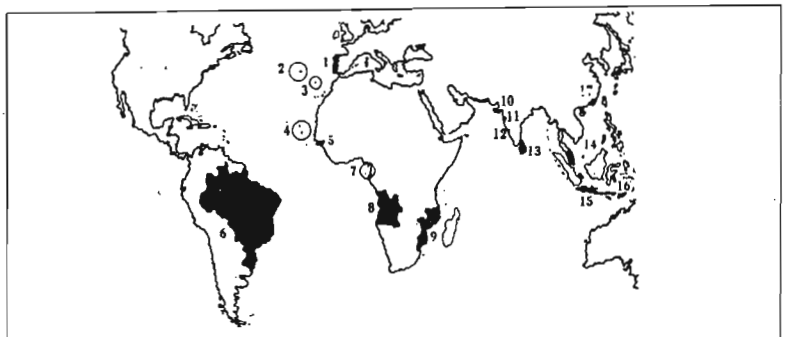
Celebrouse o pasado 31 de Marzo e 1 e 2 de Abril o II Congreso de Escritores en Língua Galega, baixo o lema "Pola unión". Ao mesmo asistiron uns 40 traballadores da escrita na Galiza, así como escritores doutras culturas como Ramón Etxezarreta, Txema Aranaz, Fernando Pascual e Viale Moutinho. A xornada inaugural no Hotel Husa, —sé oficial do Congreso— tivo lugar na tarde do venres e participaron nela Lois Diáguez e Uxio Novoneyra en nome da AELG así como Bonifácio Borreiros pola Consellaría de Cultura e Deportes da Xunta e Vicente Quiroga como alcalde da cidade anfitriona. Na primeira sesión de traballo, ese mesmo venres, espuxeron as suas ponéncias Xoan Manuel Carreira, "Considracións sobre a lexicografía musical" e Xavier Alcalá "Do teclado ao fotolito"

O sábado comezou a xornada de traballo ás 10 da mañán cunha mesa redonda na que se incluían as aportación de Antón Risco, Miguel Sande, Isaac Alonso Estravís e Pilar Vázquez Cuesta sobre "Língua e Literatura, "A liberdade do escritor", "O lusismo en Vicente Risco, Otero Pedrayo e Castelao" e "O perigoso canto da serea". Durante esta mesa redonda suscitouse o debate entre a normativa oficial para o galego e a postura defendida polos rointegracionistas, chegándose a conclusión de defender a liberdade de opción para expresarse en galego, evitando que os escritores se sintan presionados á hora de criar cando sentan nunha mesa Pediuse que esta liberdade sexa respeitada por institucións e editoriais. Logo do debate, que se prolongaría na tarde, abondando ainda máis nos referidos aspectos, os escritores foron recibidos no Concello de Lugo polo alcalde, e dirixíronse a Mondoñedo onde realizaron unha visita á catedral e depositaron flores sobre as tombas de Leiras Pulpeiro, Lence Santar, Pascual Veiga e Álvaro Cunqueiro.

O domingo, último día do Congreso, as sesións de traballo iniciáronse ás 10 da mañá intervindo nas ponéncias Lois Diáguez, Francisco Rodríguez e Xosé Lois Garcia, os cales falaron respeitivamenta sobre "Cultura e institucións públicas", "Actualizar aos precursores" e "Aproximactións a unha alternativa da AELG no interior da Galiza. A clausura tivo lugar ás seis da tarde, léndose as 15 conclusións acordadas ao longo dos tres días de traballo. A amizade e cordialidade existente entre os participantes, así como a intencionalidade de cumplir o lema "Pola Unión" conseguiron que isto fose máis que un proxecto e se convertise en realidade. Ainda asistindo escritores das duas tendéncias, o respeito entre eles e a firmeza de que o acordado poda supór un novo xiro na presión que desde a AELG se mantén para que se consiga un ar democrático e libertário entre o colectivo dos criadores e as institucións e editorias.

O II Congreso de Escritores en Lingua Galega, pode supor máis do que unha simples reunión, pode supor que esa unión e isa liberdade se convirtan na bandeira para que os escritores na Galiza non se sintan presionados á hora de criar, que non teñan que pensar cal ten que se a normativa que teñen que utilizar ou non para que os seus libros sallan á rua □

LINO BRAXE/LUGO



O GALEGO-PORTUGUES NO MUNDO

1 - Portugal e Galiza. 2 - Açores. 3 - Madeira. 4 - Cabo Verde. 5 - Guiné (Bissau). 6 - Brasil. 7 - S. Tomé e Príncipe. 8 - Angola. 9 - Moçambique. 10 - Diu. 11 - Damão. 12 - Goa. 13 - Ceilão. 14 - Malaca e Singapura. 15 - Java. 16 - Timor. 17 - Macau. Língua oficial da CEE e da OEA

RODRIGUES LAPA, UM GALEGO DE ANADIA

JOSÉ-MARTINHO MONTERO SANTALHA

No dia 28 de Março passado faleceu o profesor Manuel Rodrigues Lapa, quando se aproximava a cumprir os 92 anos de idade.

Não é aqui o lugar de traçar uma resenha, nem sequer sumária, da sua ampla obra de escritor, filólogo e investigador das diversas literaturas em língua portuguesa, incluida a da Galiza, desde a época trovadoresca aos tempos actuais. Para quem quiser conhecer a sua trajectória bio-bibliográfica, especialmente nos aspectos que mais podem interessar-nos aos galegos, permito-me remeter para a semblança biográfica que elaborei para a *Gran Enciclopedia Gallega* (tomo 27, pp. 39-40).

Desde que na sua mocidade, estudando a poesia trovadoresca medieval, "descobriu" a Galiza, foi para sempre um apaixonado do nosso país. Considerava-se um galego de pleno direito, e protestou amigavelmente contra os que o chamavam "galego honorário", precisando com énfase que não era só galego de honor mas "galego galeguíssimo, por ter nascido em Anadia, dentro dos límites da velha Galiza", que chegava até o rio Mondego, alguns quilómetros mais o sul.

DESCONHECIDO NA GALIZA

Apesar de ser um grande galeguista, em todos os sentidos, a figura de Lapa é quase desconhecida entre nós.

Poucos na Galiza, sobretudo dos seus contraditos, conhecem qual era em realidade a atitude e o pensamento de Lapa a respeito desta língua portuguesa que falamos na Galiza. Quantos, por exemplo, leram o seu famoso artigo "A recuperação literária do galego"?; quantos, na avaliação deste trabalho, não se baseiam, mais bem que nas palavras do próprio Lapa, na interpretação —desfocada, em grande medida— que delas deu Ramom Pinheiro na sua réplica?

Contarei a este propósito uma anedota significativa.

Em 1979 publica-se na editora lisboeta Sá da Costa um livro de Lapa que recopila vários trabalhos seus sobre a problemática linguística galega sob o título *Estudos galego-portugueses por uma Galiza renovada*. Fazse um acto de apresentação da obra em Lisboa, no qual intervém o próprio autor com um breve discurso. Uma agência de notícias espanhola recolhe o acontecimento, e assim, via Madrid, chega também aos meios de comunicação da Galiza No dia seguinte os jornais galegos oferecem essa informação com titulares nestes termos: "O filólogo portugués Rodrigues Lapa diz que o galego se deve confundir com o português" Além dos titulares, o texto da notícia não resulta mais aclarador. E até um amigo debuxante publica num jornal uma caricatura —magnífica, como todas as suas— de Lapa, comentando o caso com estas palavras: "Confundiu-se o português" (quer dizer: o português Lapa anda confundido, isto é, errado).

> "APESAR DE SER UM GRANDE GALEGUISTA A SUA FIGURA É QUASE DESCONHECIDA ENTRE NÓS"

Ora, o que o despacho da agência silenciara, e que os jornais tampouco fizeram notar, e que também o debuxante parecia ignorar, era que o que Lapa dissera fora simplesmente uma cita de Castelão; a da sua conhecida carta a Sánchez-Albornoz na qual manifestava o seu desejo de que o idioma da Galiza se acercase progressivamente ao de Portugal até confundirse com ele.

Até aqui os factos. Não creio que seja infundado supor que nem os jornais fariam tal titular de intencionalidade alarmante se soubessem que se tratava de uma frase de Castelão, nem o amigo debuxante se permitiria a liberdade de censurar tão alegremente ao rianjeiro à sua "confusão" no tema da unidade linguística galego-portuguesa.

Este sucesso trivial parece-me um bom síntoma do que sucede a nível mais geral com o pensamento de Lapa em certos sectores da Galiza, especialmente do antireintegracionismo e do "galeguismo oficial": dá-se uma distorção sistemática das suas ideias. Não citarei exemplos.

Pode ser que alguma que outra expressão do mesmo Lapa, menos feliz ou pouco matizada, se tomada isolamente, possa dar pé a interpretações distorcionadas; mas é critério fundamental de todo labor hermenéutico que um analista de boa fé não deve limitar-se a manipular afirmações isoladas violentamente do seu contexto e da patente intenção fundamental do seu autor.

UMA INTEPRETACÇÃO DESFOCADA

A reação do grupo de Galaxia (embora com algumas excepções qualificadas, como Carvalho Calero e Paz Andrade, além de outros menos directamente ligados ao grupo como Guerra da Cal e Genaro Marinhas), personalizada como fica na réplica quase oficial de Ramón Piñeiro, foi assumido, com o passo dos anos e o sucessivo desenvolvimento dos acontecimentos, o vulto de um lamentável desfocamento. Baseava-se sobre um mal-entendido: saía em defesa do galeguismo como se fosse isso o que Lapa pusera em questão.

Foi assim como resultou que muitos que não leram o artigo de Lapa —seguramente a maioria, num país em que se lê pouco como é o nosso— fizeram-se dele uma ideia errónea ao observarem tal reacção: deduziram que, já que os contraditores de Lapa defendiam a legitimidade do galeguismo, o professor português devia de convidarnos a algo assim como a abandonar a nossa identidade ameaçada, aduzindo ademais, para maior afronta, os mesmos argumentos que tantas vezes temos ouvido aos castelhanistas: o universalismo, o cosmopolitismo, o macrocosmo cultural da nossa época... E tal deformação caricaturesca das ideas de Lapa segue ainda hoje, abrigada máis ou menos conscientemente por velhos prejuízos e até por novos interesses, teimosamente instalada na mente de muitos antireintegracionistas de boa fé.

"O amigo Pinheiro não me